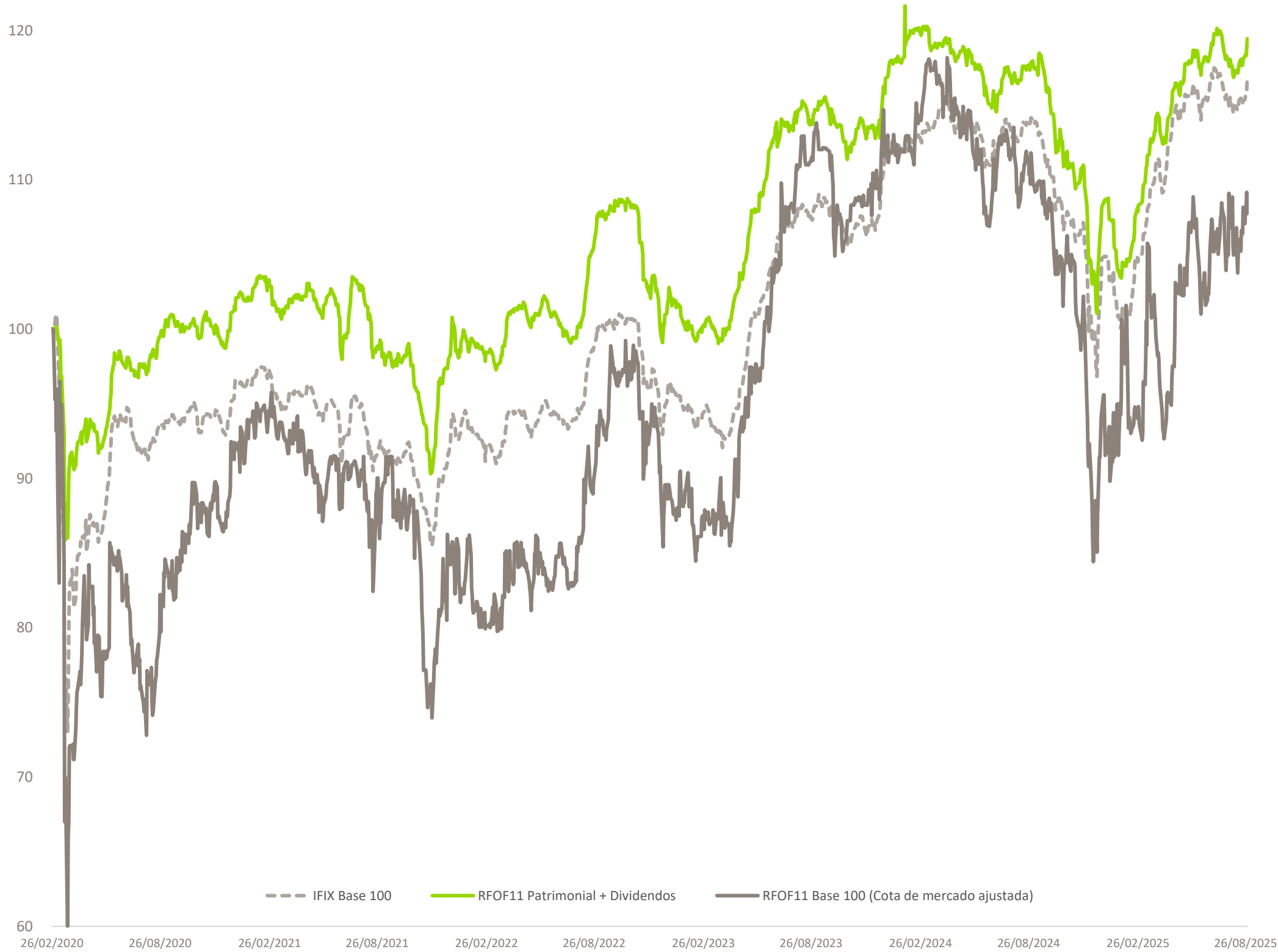




RELATÓRIO AO INVESTIDOR
RB CAPITAL I FUNDO DE FUNDOS - FII
RFOF11 – AGOSTO/25

Cota Patrimonial	Cota a Mercado	Valor Patrimonial (Milhões)	Rendimentos de Ago/25	D.Y. Anualizada a preço de mercado
R\$ 69,17	R\$ 62,56	R\$ 74,6	R\$ 0,65/cota	12,28%

Retorno Acumulado



FONTE: RB ASSET

* Não considera custo de emissão

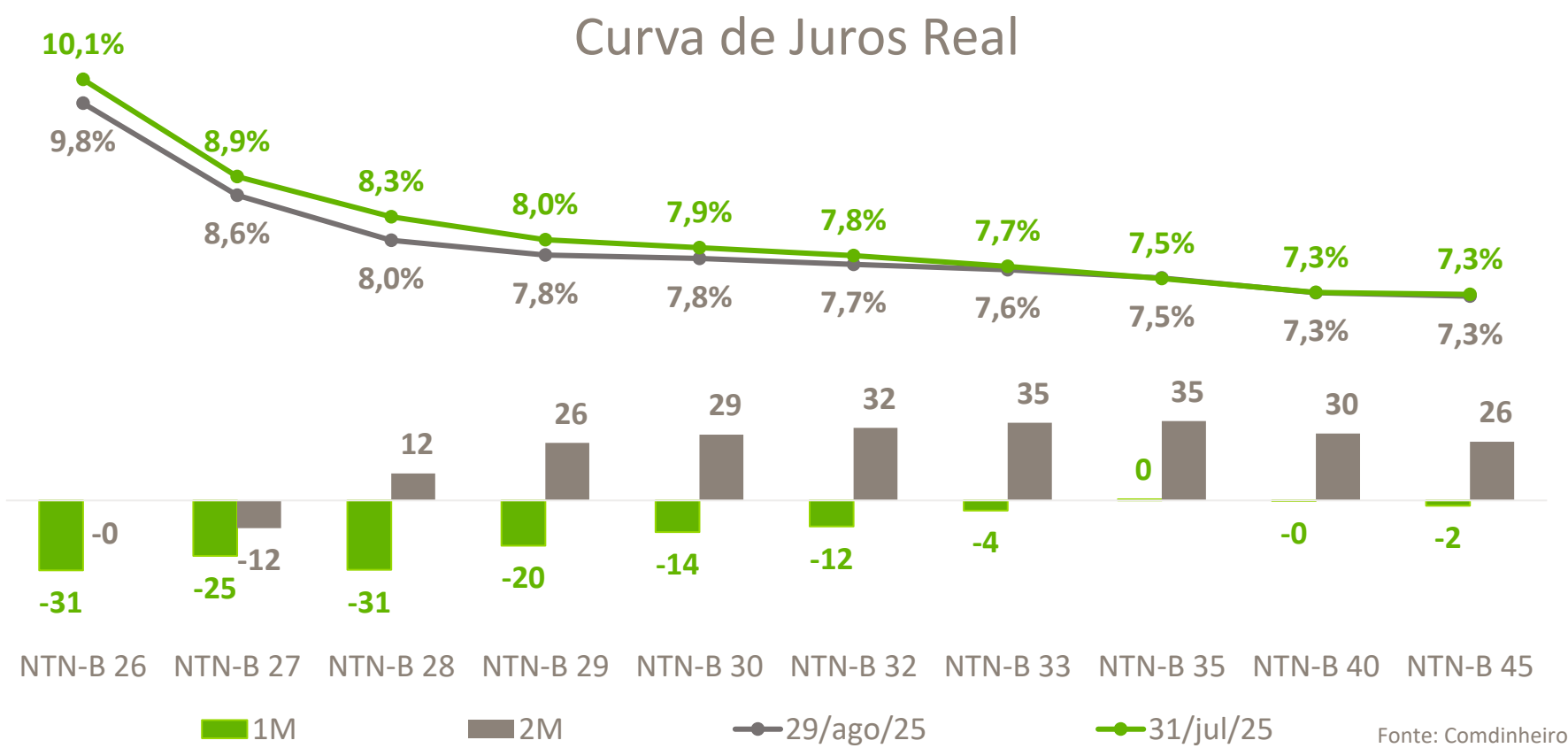
COMENTÁRIOS DO GESTOR

Breve Panorama Macroeconômico

O mês de agosto ficou marcado pela temática da potencial flexibilização monetária pelo Fed já na próxima reunião de setembro, deixando em segundo plano as questões comerciais que vinham sendo fonte de preocupações globais. Outro ponto importante ficou para a reunião entre Trump e Putin, que, apesar de não ter apresentado avanços, mostra uma disposição para a resolução da guerra na Ucrânia. Nova surpresa positiva foi a divulgação do PIB do 2º trimestre dos EUA, evidenciando a força da economia, mesmo diante de taxas de juros elevadas. Por fim, destaque para divulgação de resultados corporativos que tem corroborado para apetite ao risco nos mercados globais, com renovações das máximas históricas para as bolsas em NY ao longo do mês, registrando novos ganhos para o S&P 500 (+1,91% e +9,84% em 2025), Nasdaq (+1,58% e +11,11%) e Dow Jones (+2,44% e +7,05%).

No cenário doméstico, o mês de agosto foi marcado por renovação da entrada de capital estrangeiro, após a reversão observada no mês anterior, marcado pelo forte aporte no último pregão do mês (R\$ 1,5 bilhão), resultando em saldo positivo de R\$ 1,2 bilhão na B3 e acumulando um saldo líquido positivo de R\$ 21,2 bilhões no ano. O grande destaque do mês ficou para o menor impacto do tarifaço de Trump, assim como expectativas do mercado da queda de juros nos EUA, o que pode reforçar expectativas de queda de juros doméstica. No cenário macroeconômico, tivemos novo destaque negativo para os dados de produção industrial, vendas no varejo, IBC-Br de junho, CAGED e déficit público primário, reforçando o temor fiscal, com forte aumento da dívida pública bruta (passando de 76,6% para 77,6% do PIB). Já do lado positivo, tivemos volume do setor de serviços e confiança do consumidor.

O IPCA de julho apresentou alta de 0,26% e de 5,23% no acumulado de 12 meses, ainda em patamar superior ao teto da meta de inflação do BC (4,5%), apesar de vir bem abaixo da expectativa do mercado (0,36%). Já o IPCA-15 apresentou queda de 0,14% em agosto, acumulando alta de 4,95% em 12 meses, na primeira deflação em dois anos, porém o valor veio acima das expectativas do mercado (-0,23%). O boletim Focus divulgado pelo Banco Central apresentou novas revisões para as projeções do IPCA, em especial para o curto prazo, com ajuste de 5,07% há 4 semanas para 4,85% para este ano, para 2026 (redução de 4,43% para 4,31%) e para 2027 (redução de 4,00% para 3,94%), permanecendo inalterado em 2028 (em 3,80%). Após sucessivas revisões, observa-se manutenção no patamar para a taxa Selic: para final de 2025 em 15,00%, 2026 em 12,50%, 2027 em 10,50% e 2028 em 10,00%. Desta forma, apesar de algumas revisões recentes de economistas para a possibilidade de flexibilização monetária ainda este ano, a maioria das expectativas preveem manutenção ao menos até o 1º trimestre de 2026.



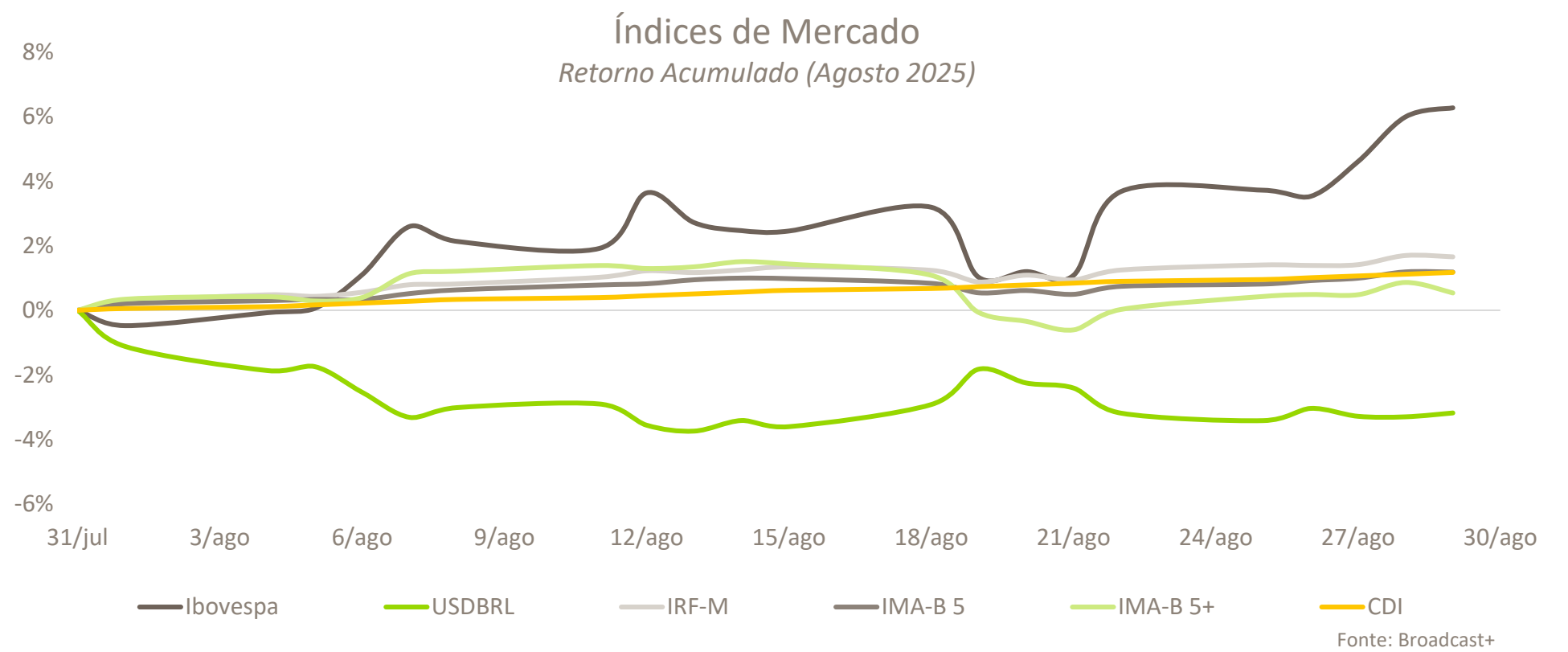
Ao longo do mês, a curva de juros real registrou movimento de fechamento, sobretudo nos vértices mais curtos. Dessa forma, os índices IMA-B 5 e IMA-B renderam 1,18% e 0,84%, respectivamente.

No cenário internacional, tivemos renovações de recordes históricos nas bolsas em NY ao longo do mês, após uma combinação de fatores positivos, como resiliência econômica, balanços corporativos robustos e expectativa de relaxamento monetário já na próxima reunião. O início do mês ficou marcado pela divulgação do *Payroll* bem abaixo do esperado (também com forte revisão dos dois meses anteriores em evento marcado pela posterior demissão da chefe do Departamento de Trabalho). Ademais, tivemos a divulgação da 2ª prévia do PIB do 2º trimestre melhor do que esperado. Ao longo do mês, o embate entre Trump e o Fed se intensificou ainda mais, diante da demissão de uma das diretoras do banco central americano. Por fim, segundo um importante indicador (*Fedwatch*), a probabilidade de corte na taxa de juros já supera os 75% para a próxima reunião, em setembro, sendo esta a aposta majoritária do mercado, com importante repercussão nos mercados globais.

Na Europa, houve discurso de Lagarde mencionando que o acordo comercial entre União Europeia e EUA se traduz em premissas próximas às projeções dos dirigentes, evitando guerra comercial mais pronunciada e com benefício de maior clareza corporativas. Além disso, tivemos a divulgação de vendas no varejo e PMIs melhores do que as estimativas, porém, do lado negativo, produção industrial, índices de sentimento (serviços, industrial e econômico) e confiança do consumidor vieram abaixo do esperado. Na China, tivemos divulgação de dados de PMI melhores do que esperado, podendo demonstrar reaquecimento da economia. Do lado negativo, tivemos produção industrial, vendas no varejo e PPI abaixo das expectativas. Em relação à balança comercial, tivemos alta acima do esperado nas exportações e nas importações, com aceleração em relação ao mês anterior, reduzindo temor em relação às questões tarifárias.

Em relação às *commodities*, o petróleo teve forte queda em agosto, encerrando aos US\$ 67,48/barril o Brent (-5,89%), diante da perspectiva de novos aumentos da oferta por parte da OPEP+, assim como continuidade das tensões geopolíticas (em especial na Ucrânia) e enfraquecimento da demanda global (em particular dos EUA). Já para o minério de ferro, houve nova alta nos preços (+4,0%, aos US\$ 103,85/ton), após noticiário dando conta de pressão do governo chinês para combater o excesso de capacidade na produção de aço e melhora da demanda após fim de restrições em províncias no país asiático.

O Ibovespa encerrou em forte recuperação de 6,28% em agosto (após pior mês de julho em quatro anos), aos 141.422 pontos, marcando novo recorde histórico de fechamento e acumulando no ano alta de 17,57%. Ainda do lado positivo, o dólar fechou o mês em queda de 3,19%, negociado a R\$ 5,42 (com uma desvalorização de 12,26% no ano), marcado pela perspectiva de flexibilização monetária nos EUA, que teria repercussão positiva para a trajetória da Selic. Destaque agora fica para a reunião de setembro do FOMC, em que deve-se iniciar o ciclo de flexibilização monetária, assim como indicações das próximas reuniões. Com isso, mesmo o BC com viés fortemente *hawkish*, mantendo a previsão de juros no atual patamar por um horizonte relevante, haverá pressões para também iniciar o processo de queda de juros, reforçado pela divulgação da primeira deflação mensal. Por outro lado, a preocupação com a questão fiscal segue latente, após divulgação do déficit mensal com forte aumento da dívida pública, assim como potenciais riscos advindos do ambiente institucional com julgamento do ex-presidente Bolsonaro pelo STF.



Panorama do Mercado de Fundos Imobiliários

A despeito de um recorde histórico de fechamento para o Ibovespa e apetite ao risco para ativos domésticos, tivemos um mês de ganhos para o IFIX de modo mais contido, registrando uma valorização de 1,16% em agosto (aos 3.476,36 pontos e acumulando ganhos de 11,55% no ano). Chama atenção a forte valorização, de certa forma discrepante do índice do setor imobiliário na B3 (IMOB), que acumulou ganhos de 13,52% no mês e de 56,11% no ano, porém vale ressaltar dois pontos importantes em relação a este índice, sua composição (maior concentração e menor diversificação), que contempla empresas de shoppings (44%) e empresas da construção civil voltados à diferentes perfis econômicos, tendo uma parte relevante associado ao MCMV, que tem tido resultados muito robustos. Já o IFIX apresenta uma elevada diversificação em termos de ativos, em sua maioria ativos imobiliários prontos, (atualmente são 115 FIIs) e segregados em diferentes segmentos.

Os maiores ganhos no mês foram registrados para shoppings, logísticos e escritórios, já varejo, Hedge Funds (multiestratégia), ativos financeiros, Fundos de Fundos (FoFs) e híbridos tiveram desempenho abaixo do IFIX em agosto. Já no acumulado do ano, os setores de multiestratégia, shoppings, escritórios, logísticos e ativos financeiros são os destaques de alta (nesta ordem), com um desempenho superando o benchmark, já híbrido, varejo e Fundos de Fundos (FoFs) ainda tem performance abaixo do IFIX, apesar de ainda apresentarem um bom desempenho. Como destaque no mês tivemos o leilão dos CEPACs da Faria Lima, com demanda abaixo do esperado, fruto do elevado custo de construção atual, aliado ao elevado patamar da taxa Selic e insegurança jurídica às vésperas do leilão. Ainda, tivemos noticiário dando conta de renovação de reduções nas taxas de vacância nos escritórios em SP nas mais variadas subregiões, assim como elevação do preço médio pedido. Desta forma, entendemos que, a despeito de um cenário macroeconômico ainda pressionado pela elevada taxa de juros, marcado por incertezas quanto à condução da política fiscal e monetária doméstica, além de possíveis choques externos, há maior apetite ao risco, marcado pela renovação dos recordes históricos nas bolsas globais, com potencial implicância positiva para o IFIX também.

De forma a continuar o acompanhamento e revisão sistemáticos sobre o segmento de shoppings centers que, ao longo de 2025, vem se consolidando e diversificando. Depois de um ciclo de recuperação marcado pela normalização do fluxo e pela recomposição de vendas após a pandemia, o trimestre recente (2T25) confirmou um padrão mais estrutural: receitas crescendo de forma consistente, alavancadas por vendas sólidas, ocupação elevada e forte eficiência operacional. Na prática, os shoppings estão menos dependentes do varejo “loja a loja” e mais ancorados em serviços, mídia e experiências, enquanto revisam seu portfólio com retrofits e requalificações. Para analisarmos, utilizamos os últimos relatórios trimestrais das 3 principais companhias abertas na B3 de shoppings centers (Allos, Iguatemi e Multiplan), que acabam sendo benchmarks para os FIIs listados

O primeiro ponto de destaque trata do ritmo de vendas, que seguem em alta com fluxo mais consistente. Podemos dizer que a operação ficou mais robusta: o nível de ocupação dos shoppings em patamares elevados, inadimplência e turnover baixos e custo de ocupação sob controle, pois as vendas tem apresentado ritmo de crescimento mais acelerado do que de aluguéis. Acreditamos que, com lojista em uma situação financeira mais saudável, o aluguel percentual aparece mais forte, sendo assim há espaço para reprecificar o aluguel mínimo, com repasse real acima dos índices de ajuste, mantendo o SSR em trajetória positiva. Esse conjunto se traduz em uma menor volatilidade do caixa e sustenta a melhora operacional do setor.

O segundo pilar de crescimento é a diversificação de receitas fora do aluguel. Serviços, mídia on-mall e estacionamento cresceram de forma consistente e passaram a ter mais peso no resultado. Com mais ativações e melhor uso do inventário, essas linhas aumentam a arrecadação sem depender de ampliar ABL.

Do lado da curadoria, segue a recomposição do mix para formatos mais “experenciais”. Gastronomia, entretenimento e serviços (clínicas, academias, coworking, ensino e, quando aplicável, operações de conveniência pública) ganham espaço nas ABLs, aumentando recorrência da visita, tempo de permanência e produtividade por m². Essa recomposição vem acompanhada de marcas com maior apelo e de eventos sazonais bem explorados (datas comemorativas e ativações), elevando tráfego e alimentando tanto o aluguel variável quanto as receitas acessórias.

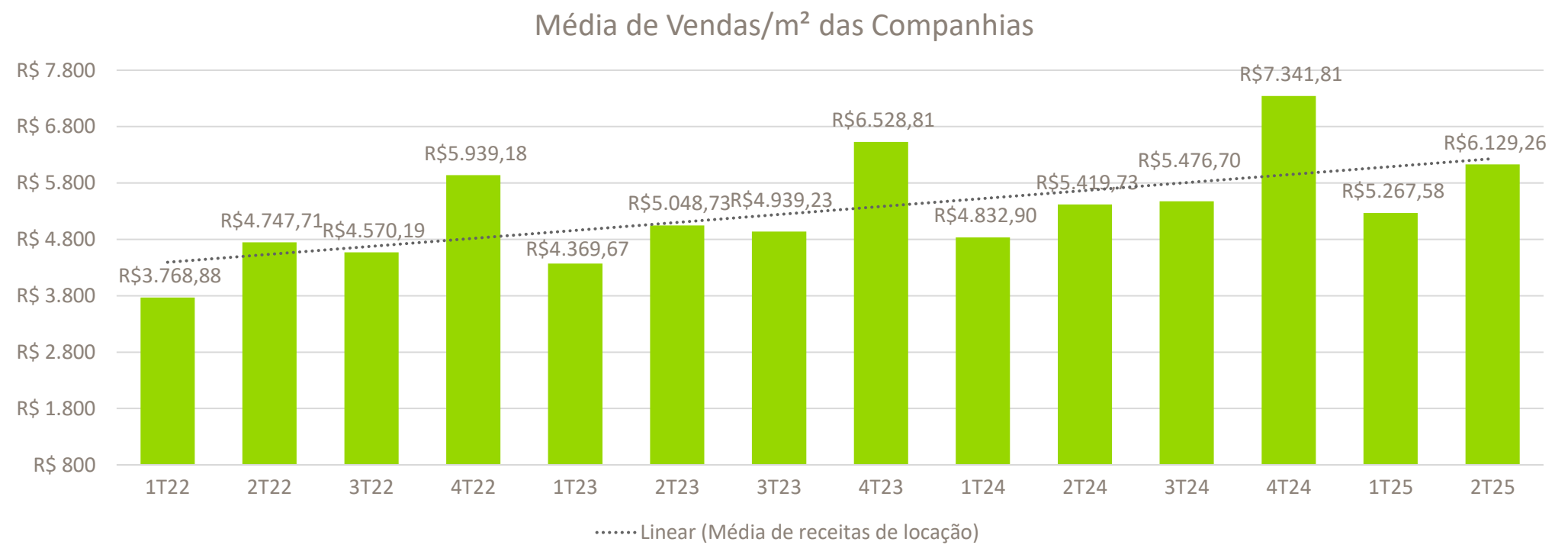
Panorama do Mercado de Fundos Imobiliários

Por fim, retrofits, expansões e requalificações de ativos maduros elevam a atratividade do empreendimento, aumentam a produtividade por m² e atraem marcas mais fortes, além de, quando aplicável, destravar receitas pontuais sem desviar o foco do crescimento recorrente. Esses investimentos e expansões tendem a refletir rapidamente em resultado, dado que muitos desses shoppings já serem ativos maduros, o que não requer um ramp-up, como em ativos de greenfield. A medida tem reforçado a dominância de praças estratégicas e sustentado a tendência de margens operacionais mais altas ao longo do tempo.

Há uma tese mais ampla por trás dessa evolução: os shoppings estão se tornando empreendimentos de resolução do dia a dia, e não apenas pontos de compra. Em uma única ida, o cliente consegue consumir, treinar na academia, ir a consultas, resolver serviços educacionais ou administrativos e participar de eventos, um uso mais denso e funcional do ativo. Isso estende o tempo de permanência, aumenta a frequência de visitas e aprofunda a fidelização, traduzindo-se em maior monetização do metro quadrado, traduzindo-se em mais aluguel variável e reforço de receitas acessórias como estacionamento e serviços. Os relatórios apontam nessa direção ao evidenciarem o crescimento dessas linhas, apresentando um nível de ocupação elevada com mix mais experiencial e calendarização de eventos, que elevam tráfego e conversão. Em suma, o shopping opera cada vez mais como hub urbano de conveniência e experiência, com impacto direto e mensurável na geração de receita.

No agregado, o quadro que se desenha para o futuro seria de um setor mais maduro, com base de vendas consistente, ocupação elevada e eficiência operacional em níveis recordes, sustentado por novas alavancas de crescimento. Para o investidor em FIIs, a tese de shoppings hoje está menos atrelado ao nível de aluguel e com melhor mix de receitas, com lojas, serviços e experiências trabalhando de forma integrada para capturar valor agregado. Abaixo incluímos as tabelas de receita de estacionamento e serviços, além do gráfico de vendas/m², extraídos pelos relatórios. Os dados reforçam a evolução operacional e diversificação de receitas discutidas ao longo do relatório.

Receita de Estacionamento				Receita de Serviços			
Companhia	2T25 R\$mi	2T24 R\$mi	Var YoY%	Companhia	2T25 R\$mi	2T24 R\$mi	Var YoY%
Allos	125,1	113,4	10,3%	Allos	83,0	68,7	20,9%
Multiplan	84,4	72,0	17,3%	Multiplan	42,9	36,9	16,4%
Iguatemi	72,5	54,4	33,4%	Iguatemi	20,5	16,1	27,5%
Total	282,0	239,7	17,6%	Total	146,4	121,6	20,4%



Análise Patrimonial

Demonstrativo de Receitas, Despesas, Rendimentos e Rentabilidade.

O Fundo distribuiu R\$ 0,65/cota como rendimento referente ao mês de agosto de 2025, aos titulares detentores de cotas ao final do dia 29 de agosto.

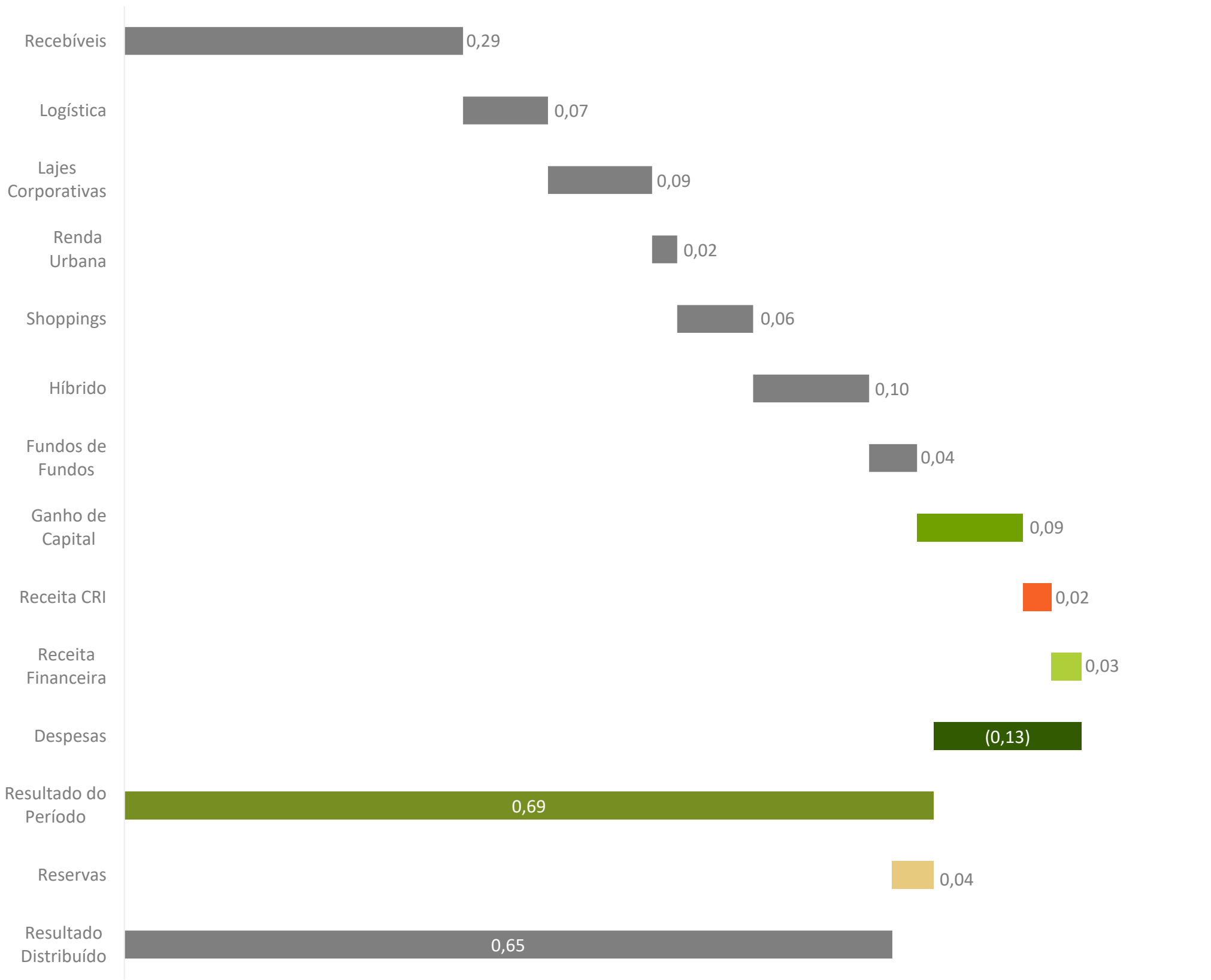
A distribuição de rendimentos aos cotistas é calculada de acordo com o resultado apurado sob regime de caixa do FII em cada mês. Abaixo segue tabela contendo as receitas e despesas do FII.

O gráfico abaixo decompõe a distribuição dos R\$ 0,65 por segmento alocado.

O resultado gerado pelo fundo no período foi de R\$ 0,66/cota.

Haverá isenção do Imposto de Renda Retido na Fonte e na Declaração de Ajuste Anual das Pessoas Físicas com relação aos rendimentos distribuídos pelo Fundo ao Cotista pessoa física, desde que observados, cumulativamente, os seguintes requisitos: (i) o Cotista pessoa física não seja titular de montante igual ou superior a 10% (dez por cento) das Cotas do Fundo; (ii) as respectivas Cotas não atribuírem direitos a rendimentos superiores a 10% do total de rendimentos auferidos pelo Fundo; (iii) o Fundo receba investimento de, no mínimo, 50 (cinquenta) Cotistas; e (iv) as Cotas, quando admitidas a negociação no mercado secundário, sejam negociadas exclusivamente em bolsas de valores ou mercado de balcão organizado.

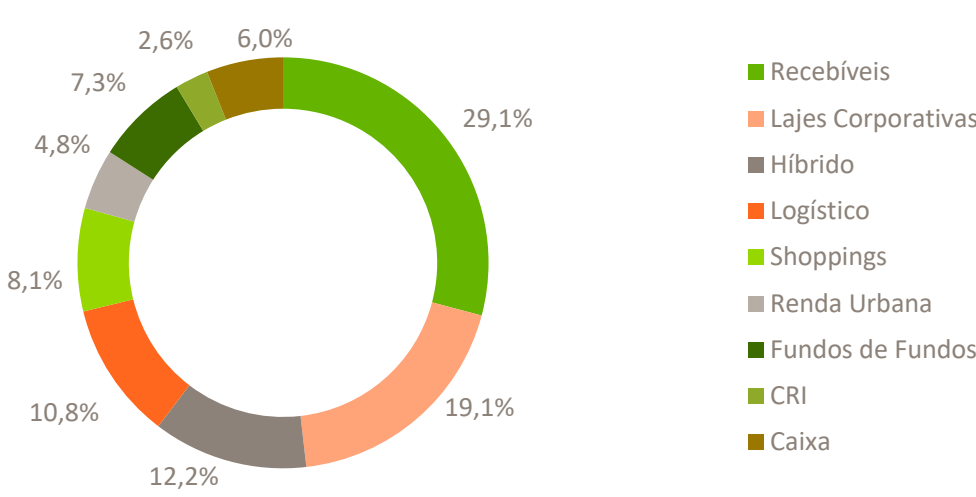
Composição dos Dividendos de Agosto/25



Portfólio Gerencial

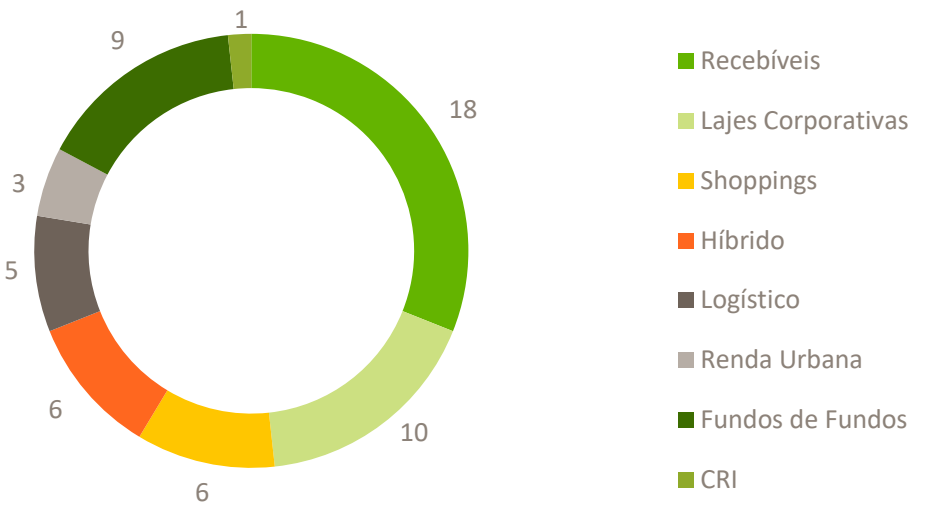
Em relação à composição da carteira do RFOF11, o fundo finalizou o mês de agosto/2025 com 91,4% dos seu ativos alocados em cotas de fundos de investimento imobiliários (FII)

Carteira Gerencial - Patrimônio Por Tipo de Estratégia	29/08/2025
Recebíveis	R\$ 22.152.719
Lajes Corporativas	R\$ 14.495.435
Híbrido	R\$ 9.270.473
Logístico	R\$ 8.224.439
Shoppings	R\$ 6.166.263
Renda Urbana	R\$ 3.618.811
Fundos de Fundos	R\$ 5.544.562
CRI	R\$ 1.994.367
Caixa	R\$ 4.583.877
Total Ativos	R\$ 76.050.946



Na abertura por número de fundos investidos, o RFOF11 finalizou o mês de agosto com posição em 57 Fundos Imobiliários e 1 CRI.

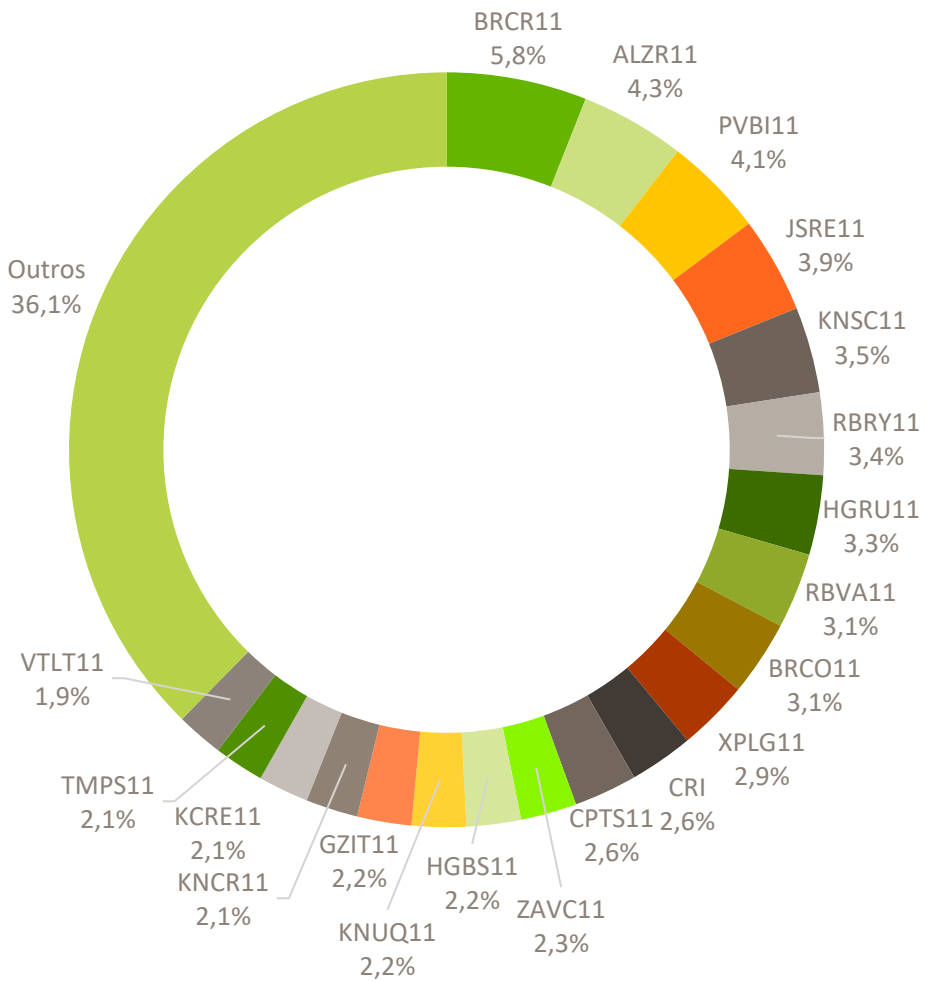
Carteira Gerencial - Número de Fundos Por Tipo de Estratégia	29/08/2025
Recebíveis	18
Lajes Corporativas	10
Shoppings	6
Híbrido	6
Logístico	5
Renda Urbana	3
Fundos de Fundos	9
CRI	1
Total de Ativos	58



Fonte: RB ASSET

Em relação à composição da carteira do RFOF11 por Fundo, destacamos que a maior exposição do fundo ao final de agosto possuía 5,8% do total de ativos. Seguimos apostando na diversificação como principal ferramenta de diluição de riscos.

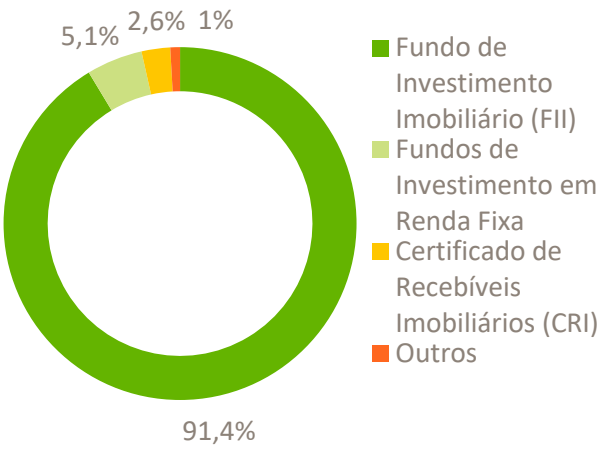
Exposição por FII - Patrimônio Alocado	Segmento	29/08/2025 ⁽¹⁾
BRCR11	Lajes Corporativas	5,8%
ALZR11	Híbrido	4,3%
PVBI11	Lajes Corporativas	4,1%
JSRE11	Lajes Corporativas	3,9%
KNSC11	Recebíveis	3,5%
RBRY11	Recebíveis	3,4%
HGRU11	Renda Urbana	3,3%
RBVA11	Híbrido	3,1%
BRCO11	Logístico	3,1%
XPLG11	Logístico	2,9%
CRI	CRI	2,6%
CPTS11	Recebíveis	2,6%
ZAVC11	Recebíveis	2,3%
HGBS11	Shoppings	2,2%
KNUQ11	Recebíveis	2,2%
GZIT11	Shoppings	2,2%
KNCR11	Recebíveis	2,1%
KCRE11	Recebíveis	2,1%
TMPS11	Fundos de Fundos	2,1%
VTLT11	Logístico	1,9%
Outros	-	36,1%



Portfólio Oficial

Carteira Oficial do RFOF11, com base nas informações divulgadas pelo administrador, BRL Trust DTVM.

Carteira Oficial	29/08/2025	29/08/2025 ⁽¹⁾
Ativos do Fundo:		
Fundo de Investimento Imobiliário (FII)	R\$ 69.472.701,80	91,4%
Fundos de Investimento em Renda Fixa	R\$ 3.908.573,41	5,1%
Certificado de Recebíveis Imobiliários (CRI)	R\$ 1.994.367,27	2,6%
Letras de Crédito Imobiliário (LCI)	-	-
Letra Imobiliária Garantida (LIG)	-	-
Outros	R\$ 675.303,79	0,9%
Ativo Total	R\$ 76.050.946	100,0%
Passivos do Fundo:		
Despesas Administrativas	R\$ 746.029,38	
Rendimentos a Distribuir	R\$ 700.806,60	
Aquisição de Ativos	R\$ 0,00	
Taxas e Impostos	R\$ 21.587,71	
Passivo Total	R\$ 1.468.424	
Patrimônio Líquido	R\$ 74.582.523	

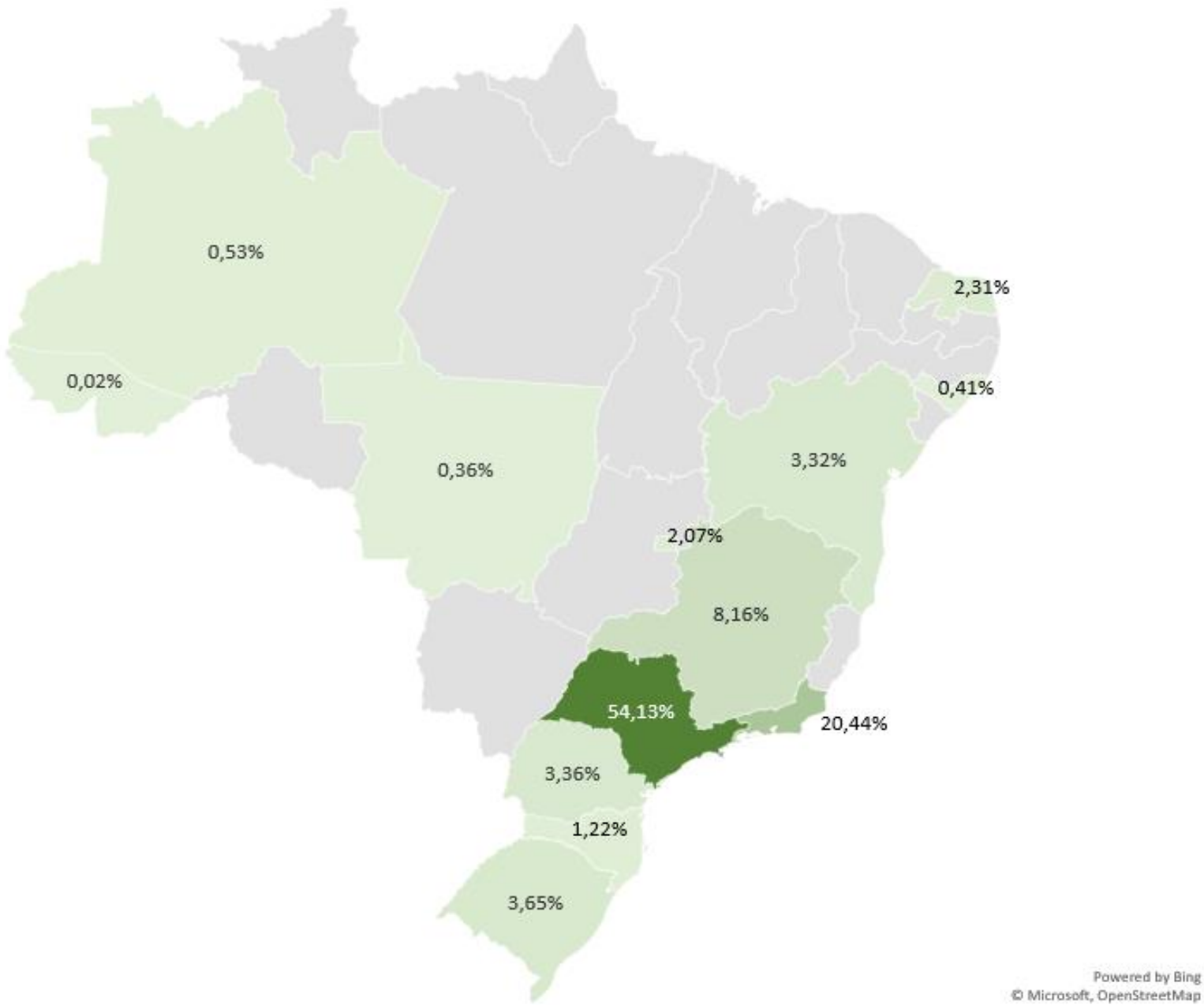


Fonte: BRL TRUST

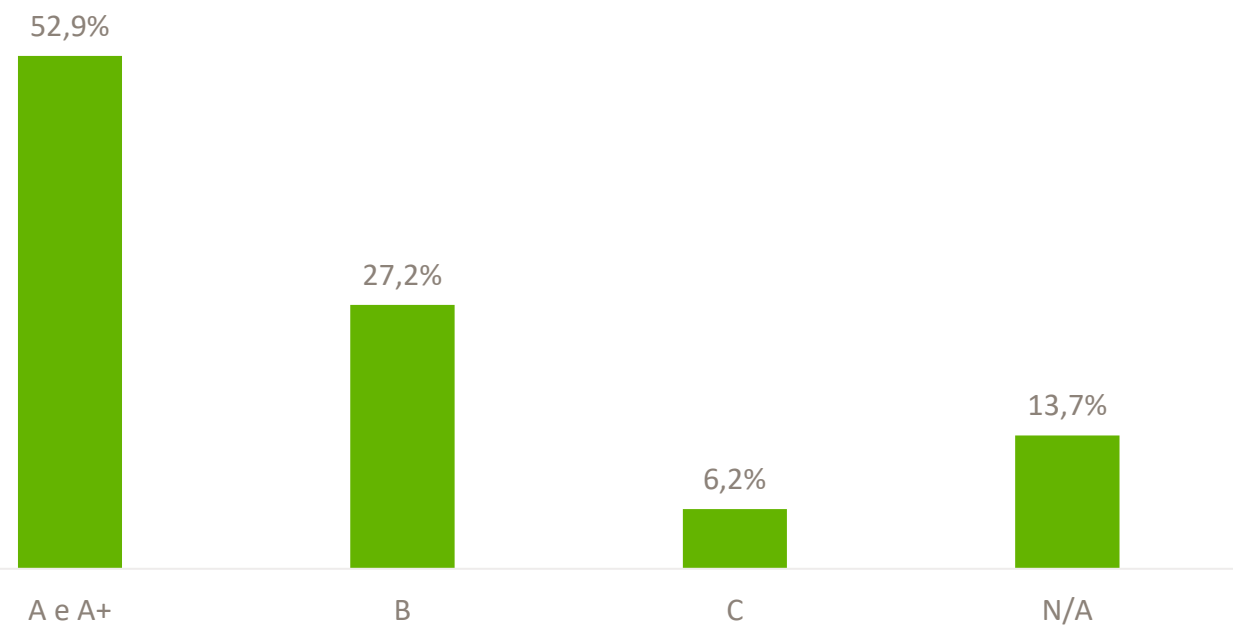
(1) Os valores apresentados em FII e Fundos de Investimento em Renda Fixa estão sendo aqui divididos pelo Total de Ativos do Fundo, e não pelo Patrimônio Líquido, como nos gráficos anteriores. Ou seja, não são líquidos dos passivos e provisões que o Fundo possui. Esta é a forma puramente contábil de visualização.

Estratégia RFOF11

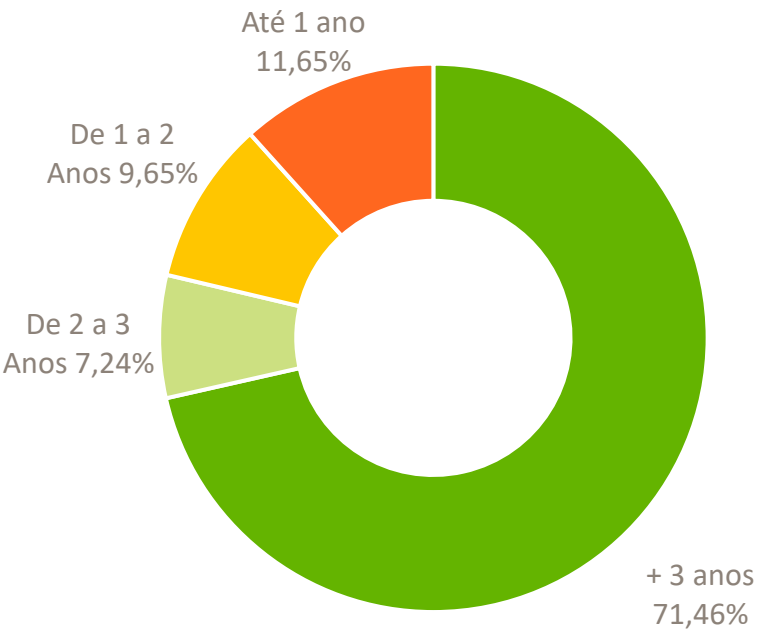
O portfólio do RFOF11 segue diversificado setorialmente, pulverizado em 59 fundos, com maior exposição no estado de São Paulo e com foco em ativos de alta qualidade. Em relação ao total investido, 54,6% dos FIIs do RFOF11 são considerados “tijolo” (FIIs que possuem e gerem os próprios imóveis). Deste percentual, 53,1% dos imóveis são edifícios de alta qualidade técnica, classificados entre A e A+ pela consultoria imobiliária SiiLA Brasil. Por região, 53,96% do total dos imóveis está localizado no estado de São Paulo. Os contratos são bastante pulverizados, reduzindo o risco de concentração e 71,3% deles possuem mais de três anos de prazo até o vencimento, trazendo maior previsibilidade dos rendimentos futuros.



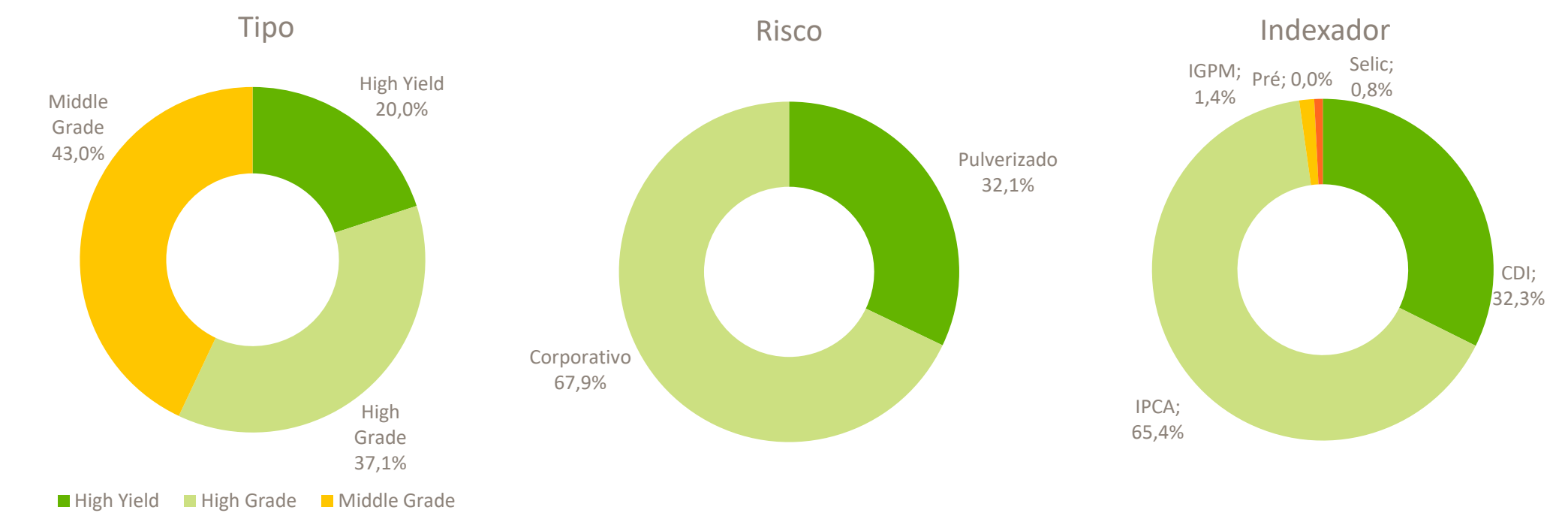
Classificação dos ativos imobiliários



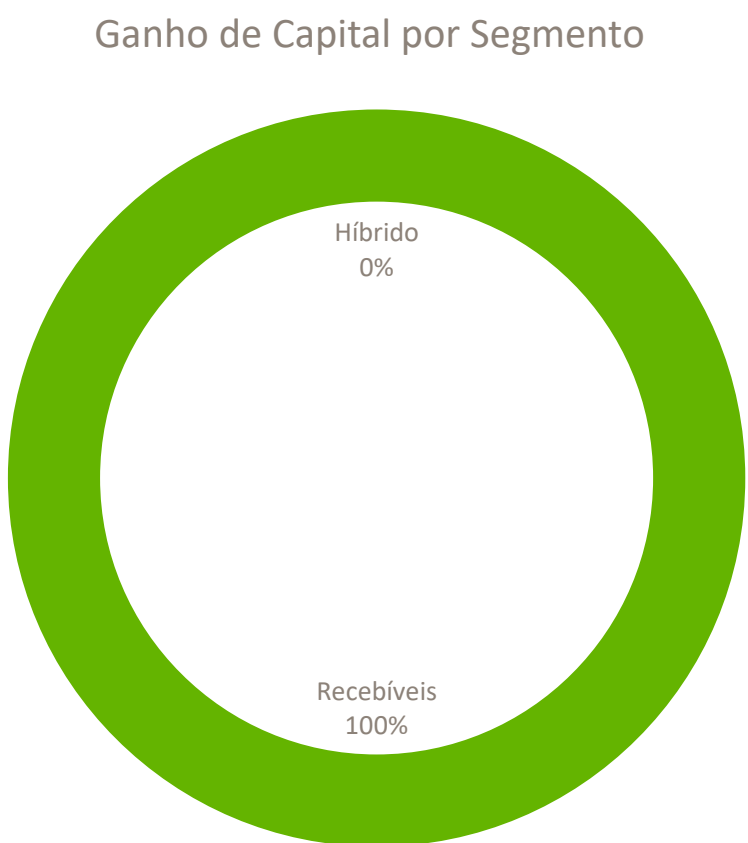
Prazo de contratos



Os FIIs de Recebíveis imobiliários compõem 29,1% do total investido, sendo que 37,1% dessa exposição está alocado em fundos de CRI high grade e 67,9% com exposição ao risco corporativo, considerados os mais resilientes do setor. Em relação aos indexadores dos FIIs de CRI, a estratégia do fundo é manter uma alocação equilibrada entre CDI e IPCA, no intuito de proteger o portfólio tendo em vista a manutenção da taxa Selic em patamares elevados no curto prazo e a inflação nos próximos meses.



Em agosto, realizamos vendas com ganho de capital, principalmente em fundos de papel. Diante do cenário de recuperação do índice nos próximos meses, acreditamos que há oportunidades para aumentar o volume de negociações no mercado secundário, buscando gerar ganhos de capital e receita para o fundo. Nossa equipe de gestão continua monitorando atentamente o mercado, avaliando alternativas que possam agregar valor, mesmo diante do cenário de aumento das taxas de juros e do significativo desconto em relação ao valor patrimonial.

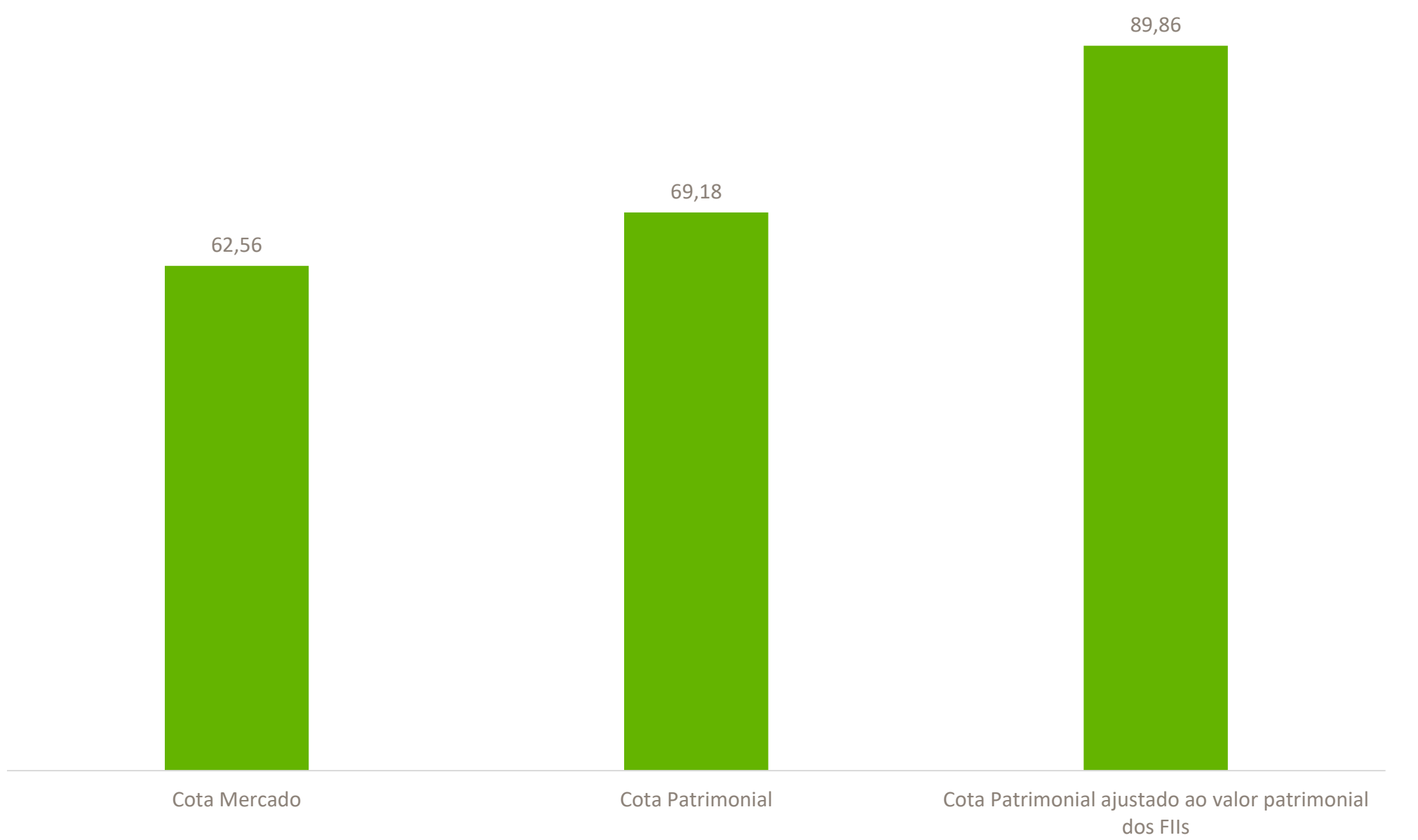


Duplo desconto:

Investir em Fundos de Fundos (FoFs) oferece vários benefícios. Primeiro, esses fundos são geridos por especialistas que realizam análises detalhadas e negociações estratégicas, garantindo uma gestão eficiente. A diversificação é outro ponto forte, pois ao investir em um FoF, o investidor tem acesso a uma ampla gama de ativos, reduzindo o risco associado a um único ativo ou setor. Além disso, os FoFs proporcionam acesso a investimentos exclusivos que não estão disponíveis para o mercado geral. A gestão ativa permite a implementação de estratégias que otimizam o desempenho do fundo. Um diferencial importante dos FoFs é o "duplo desconto": além de obter um desconto sobre o valor de mercado do FoF, o investidor também se beneficia dos descontos dos fundos subjacentes na carteira.

Muitos FoFs estão investindo em FIIs de tijolo, que estão negociando a preços descontados. Adquirir FIIs de tijolo com imóveis de qualidade em regiões centrais a desconto já representa uma boa oportunidade, e fazer isso através de um FoF com desconto oferece um "duplo desconto". No entanto, é importante notar que os FoFs têm custos mais elevados, pois cobram taxas de administração tanto para o FoF quanto para os FIIs subjacentes. Além disso, como o FoF de FII é um investidor indireto, está mais exposto a variações diárias. Ainda assim, todos os FIIs possuem um lastro imobiliário real, seja de tijolo ou de papel.

Análise do Duplo Desconto



FONTE: RB ASSET

Demonstrativo de Resultados

	agosto/2025
VALOR DA COTA PATRIMONIAL DE FECHAMENTO	69,17548961
QUANTIDADE DE COTAS DO FUNDO	1.078.164
VALOR PATRIMONIAL DO FUNDO	R\$ 74.582.523

Mês/Ano	agosto/2025	julho/2025	junho/2025	Desde 21/02/2020 ⁽¹⁾
(A) RECEITA ADVINDA DA ALOCAÇÃO EM FUNDOS IMOBILIÁRIOS	R\$ 820.096	R\$ 763.186	R\$ 797.165	R\$ 51.007.563
RENDIMENTO	R\$ 723.484	R\$ 737.259	R\$ 752.667	R\$ 44.450.216
GANHO DE CAPITAL	R\$ 96.612	R\$ 25.927	R\$ 44.498	R\$ 6.557.347
(B) RECEITA DE CRI	R\$ 25.849	R\$ 28.420	R\$ 24.541	R\$ 500.877
(C) RESULTADO IMOBILIÁRIO	R\$ 845.945	R\$ 791.606	R\$ 821.705	R\$ 51.508.440
(D) RECEITA DAS APLICAÇÕES FINANCEIRAS	R\$ 27.580	R\$ 37.823	R\$ 18.712	R\$ 1.338.557
(E) DESPESA OPERACIONAL	-R\$ 134.851	-R\$ 115.305	-R\$ 128.700	-R\$ 6.064.537
(F) OUTRAS RECEITAS / DESPESAS	R\$ 0	R\$ 0	R\$ 0	R\$ 38.653
RESULTADO CAIXA TOTAL	R\$ 738.673	R\$ 714.124	R\$ 711.717	R\$ 46.821.113
(G) AJUSTE NA DISTRIBUIÇÃO	R\$ 37.866	R\$ 13.318	R\$ 10.911	R\$ 1.196.249
RESULTADO A SER DISTRIBUÍDO TOTAL	R\$ 700.807	R\$ 700.807	R\$ 700.807	R\$ 45.624.863
(H) RENDIMENTOS ANUNCIADOS POR COTA	R\$ 0,6500	R\$ 0,6500	R\$ 0,6500	R\$ 42,3172

Fonte: BRL Trust
(1) Data de Liquidação da 1a Oferta de Cotas do Fundo RFOF11

Liquidez

Histórico de negociações das cotas do FII RFOF11 juntamente com o volume negociado.

NEGOCIAÇÕES	ago/25	jul/25	Desde 21/02/2020 ⁽¹⁾
Presença em pregões	21	23	1.373
Volume negociado	R\$ 5.370.122	R\$ 12.432.313	R\$ 261.879.647
Média de volume negociado diariamente	R\$ 255.720	R\$ 540.535	R\$ 190.735
Número de cotas negociadas	86.865	197.744	3.697.711
Giro (% do total de cotas)	8,06%	18,34%	340,60%

Fonte: B3
(1) Data de Liquidação da 1a Oferta de Cotas do Fundo RFOF11

INFORMAÇÕES GERAIS DO FUNDO

Razão Social	RB CAPITAL I FUNDO DE FUNDOS - FUNDO DE INVESTIMENTO IMOBILIÁRIO - FII
CNPJ	34.027.774/0001-28
Código de Negociação (Ticker)	RFOF11
Código ISIN	BRRFOFCTF001
Início do Fundo	20/02/2020
Gestor	RB ASSET MANAGEMENT LTDA
Administrador	BRL TRUST DISTRIBUIDORA DE TÍTULOS E VALORES MOBILIÁRIOS S.A.
Escriturador	BRL TRUST DISTRIBUIDORA DE TÍTULOS E VALORES MOBILIÁRIOS S.A.
Custodiante	BRL TRUST DISTRIBUIDORA DE TÍTULOS E VALORES MOBILIÁRIOS S.A.
Auditor	PRICEWATERHOUSECOOPERS Auditores Independentes
Taxa de Administração	0,8% ao ano sobre o Patrimônio Líquido do Fundo.
Taxa de Performance	20% (vinte por cento) sobre o que exceder a variação do IFIX
Prazo do Fundo	Indeterminado
Liquidez do Fundo	Fundo Fechado
Público Alvo	Investidores em Geral
Negociação das Cotas	B3 S.A. – Brasil, Bolsa, Balcão
Encerramento do Exercício Social	31-dez
Mercado de Negociação de Cotas	B3
Entidade administradora de Mercado Organizado	BM&FBOVESPA
Objetivo do Fundo	Investimento em Ativos Imobiliários para geração de renda
Classificação Autorregulação	Mandato: Títulos de Valores Imobiliários Segmento de Atuação: Fundo de Fundos Tipo de Atuação: Ativa

Características Gerais e Políticas de Investimentos

RB CAPITAL I FUNDO DE FUNDOS - FUNDO DE INVESTIMENTO IMOBILIÁRIO - FII (RFOF11), constituído sob a forma de condomínio fechado em fevereiro de 2020, tem por objetivo a obtenção de renda e ganho de capital mediante investimentos em Ativos Imobiliários. Dentre os Ativos Imobiliários, o Fundo deverá buscar investir parcela preponderante de seus recursos em cotas de outros fundos de investimento imobiliário. Em sua primeira emissão de cotas, encerrada em 21 de fevereiro de 2020, o fundo captou o montante de R\$ 107.816.400,00. O preço de emissão das Cotas no âmbito da Oferta, na data de emissão das Cotas, foi de R\$ 100,00 (cem reais) por Cota. O objetivo principal da gestão, no RFOF11, está na construção de um portfólio de Fundos Imobiliários diversificado, com exposição à diversos segmentos e gestores, de forma a mitigar riscos decorrentes da concentração em um único fundo ou setor imobiliário. Para realizar estes investimentos no fundo, a equipe de gestão da RB ASSET conta com detalhado processo de investimento e governança, baseado em comitês formais de aprovações construídos ao longo de seus 20 anos de experiência.